

Modelo exportador protege mas prejudica a indústria nacional

Os anos 80 foram marcados por um enorme esforço de crescimento das exportações, que norteou a política industrial brasileira na década. As exportações aumentaram 67,8% entre 1980 e 1988, impulsionadas principalmente pelas vendas de produtos industrializados, que tiveram uma alta de 122%. As importações foram contidas, o que signifcou um entrave para a modernização do parque industrial brasileiro. A sensação de década perdida pode ser percebida com clareza na indústria, que caminhou 10 anos para voltar os níveis que tinha no início dos anos 80.

O Brasil viveu um processo diferente do percebido no resto do mundo. Os novos pólos da indústria que estavam sendo desenvolvidos em países avançados — como eletrônica e biotecnologia — exigiam enormes gastos em pesquisas e desenvolvimento, algo que nunca figurou entre as prioridades nacionais. "O Brasil sempre se limitou a buscar lá fora as máquinas e insumos mais avançados que o país não tinha possibilidade de produzir", lamenta Lawrence Pih, presidente do Moinho Pacífico, que fez um estudo analisando todos os aspectos da economia nas últimas décadas para servir de base para o plano econômico do PSDB, caso Mário Covas tivesse chegado à Presidência.

Protecionismo ultrapassado
A indústria brasileira vive sob um protecionismo ultrapassado. Sem concorrência externa, devido às dificuldades impostas pelo governo para as importações, a indústria não se modernizou e os consumidores brasileiros estão sendo obrigados a comprar produtos nacionais por preços até três vezes superior ao do mercado internacional. Por outro lado, os subsídios e incentivos do governo não serviram para modernizar a nossa indústria, que estagnou nessa década, grande parte em função da parada de fluxo de dinheiro que chegou do exterior na década de 70.

De 1949 a 1980, a indústria brasileira cresceu 3,6 vezes. Dessa data em diante, afirma Pih, essa atividade perdeu a importância como geradora de empregos. Em 1985, a quantidade de

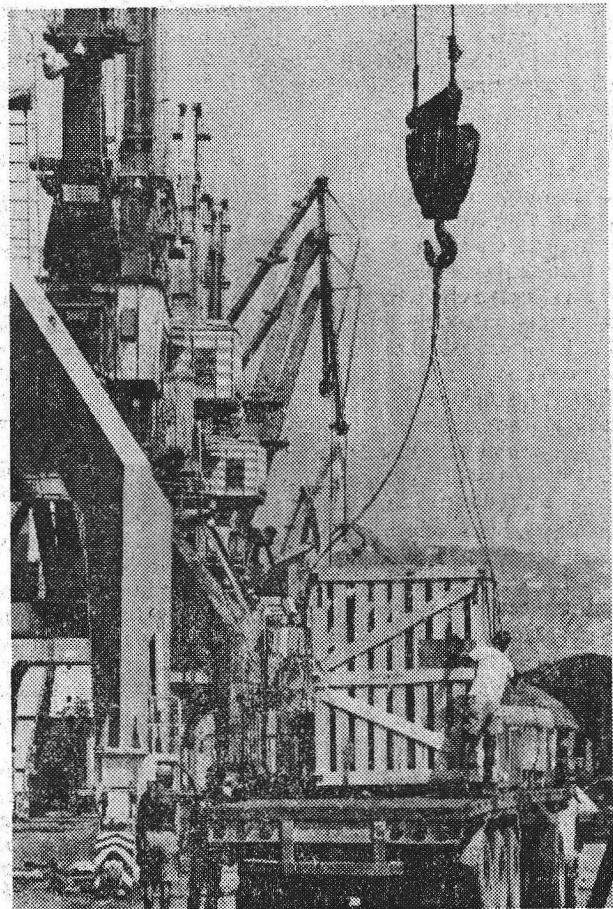
operários na indústria era de apenas 81,6% do existente em 1980. Em 1988, essa relação subiu para 89,8%.

A mecanização da indústria e a especialização da mão-de-obra fizeram a produtividade aumentar. Mas essa melhora só serviu para aumentar o lucro das empresas porque não se reverteu em salários. Pelo contrário, os salários reais caíram. "O aumento da produtividade, aliada ao fato de que os salários passaram por vários períodos de arrocho, permitiu que o custo dos salários no produto final caísse de 14,42%, em 1980, para 13,01%, em 1988", diz Lawrence Pih. Ele acredita que esses números tombam por terra a teoria do ex-ministro Delfim Netto, de que primeiro é preciso crescer para depois distribuir. "O Brasil cresceu e os salários só caíram", critica.

Investimentos reduzidos — Mas a política industrial nessa década inexistiu por parte do governo. Desde o final do governo Geisel que os investimentos na indústria vêm sendo reduzidos, comprometendo o aumento da capacidade produtiva do parque fabril do país. Essa ausência decorre da falência do Estado brasileiro que, ao longo dos últimos anos, com muitos subsídios e incentivos, foi o principal responsável pelos rumos do desenvolvimento do país. Na década, a única alteração significativa foi a contribuição da indústria nacional nos

diversos superávit da balança comercial.

O Brasil dispõe atualmente de um parque industrial consolidado e diversificado. No entanto, incentivos das mais diversas naturezas contribuíram para isso. "Esses incentivos fiscais, creditícios e tarifários, fizeram com que se desenvolvesse uma indústria protegida, em prejuízo de sua eficiência", dispara Pih. Agora, partiremos para os anos 90 com uma enorme necessidade de aumento da eficiência e produtividade. Caso isso não ocorra, o Brasil pode perder a posição que conseguiu alcançar ao longo desses últimos anos no cenário internacional, ficando com uma indústria totalmente obsoleta. (J.J.)



Os portos mostraram a força da exportação